

| o | s | e | s | p |

PODCAST **Aqui a música toca | Osesp 70 anos**

EPISÓDIO 6

Todos os olhos na batuta

[burburinho antes de iniciar o concerto,
com terceiro sinal tocando ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

É ele quem começa o concerto, mas é o último a entrar no palco.

[passos do maestro entrando e aplausos]

SANDRA ANNENBERG:

É o responsável por fazer todos tocarem juntos, mas não está tocando nenhum instrumento.

[tac tac tac...som da batuta batendo no pódio]

SANDRA ANNENBERG:

É o mensageiro das intenções do compositor, mas fica de costas para a plateia.

[sobe som da vinheta]

SANDRA ANNENBERG:

Bem-vindos e bem-vindas, eu sou Sandra Annenberg e este é o sexto episódio de “Aqui a música toca”, série que conta os 70 anos de história da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp.

Hoje nós vamos conhecer mais sobre essa figura intrigante que tem tanto destaque no palco, e que todos nós já imitamos, balançando a mão no ar em frente a uma orquestra imaginária...

[fecha vinheta]

CAMILA FRESCA:

O maestro, que hoje é a figura mais prestigiada da orquestra, na verdade, é uma figura recente assim, uma figura de meados do século XIX, a orquestra é muito anterior. O que acontece é que quando você tem um agrupamento instrumental, alguém precisa pelo menos marcar o tempo para todo mundo tocar junto. Então

a gente tem relatos de coros ainda no século XV que alguém batia com bastão de madeira, para marcar o tempo para todo mundo cantar junto...

[Coro da Osesp cantando ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

Como conta a jornalista Camila Fresca, a função do maestro surgiu para marcar o tempo para a orquestra. Mas, se parece um trabalho simples, ele tinha lá seus riscos...

CAMILA FRESCA:

Tem a história famosa do Lully, na corte de Luís XIV, que ele ficava na frente da orquestra batendo um bastão enorme. Para marcar o tempo. Numa dessas vezes ele bateu o bastão no pé dele. O pé gangrenou e ele morreu disso.

SANDRA ANNENBERG:

Até onde a gente sabe, esse é o único registro de um acidente fatal causado pelo acessório de trabalho de um regente.

[Coro encerra]

SANDRA ANNENBERG:

Mas se a função inicial do maestro era só marcar o tempo, não precisaria ser cumprida por alguém de fora... Na verdade, no passado, era um dos músicos da orquestra quem fazia esse papel.

CAMILA FRESCA:

Às vezes também era o primeiro violino, o *spalla*, que era responsável por liderar. Mas aos poucos, com o crescimento dos grupos, isso não vai sendo suficiente, então, aquela figura que estava dentro da orquestra, que era um dos intérpretes, que poderia também estar no cravo, acompanhando, ela vai para frente da orquestra.

SANDRA ANNENBERG:

Vai para a frente da orquestra, em cima de um pódio onde pode ser vista por todos os músicos, e ganha uma batuta, aquele bastão que é balançado de um lado para o outro, e que funciona como uma extensão da mão direita do maestro.

CAMILA FRESCA:

Aos poucos, a figura do maestro vai ganhando uma outra conotação, ele é responsável por dar uma interpretação para a música. Com o passar do tempo o maestro, essa figura que além de marcar o tempo fazer todo mundo tocar junto, ele lidera o grupo. Ele toma as decisões artísticas do grupo e ele é o responsável por dar uma interpretação. É ele que vai dizer como eu acho que essa obra tem que soar. E aí quando a gente chega no final do século XIX, a gente tem essa figura do maestro surgindo fortíssima.

[toca trilha com Mahler ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

Fortíssima e muitas vezes rígida, percebida quase como malvada. O compositor Gustav Mahler, de quem a gente falou bastante no quarto episódio, era um bom exemplo desse tipo de regente.

CAMILA FRESCA:

Ele é conhecido como uma figura tirânica, que humilhava músicos. E aí você vê como isso tem lastro, porque isso é uma figura que até recentemente predominava nos maestros, hoje, já está em desuso.

SANDRA ANNENBERG:

Pois, é. E a gente deve ao Mahler grande parte do, digamos, cerimonial, que envolve um concerto de música clássica...

CAMILA FRESCA:

É o Mahler também que vai falar:

“Ó, começou o concerto ninguém mais entra, não é para aplaudir no meio da dos movimentos. E só é para aplaudir no final”. “E vamos deixar também a plateia escura e o palco aceso, esse sentido de espetáculo mesmo. Os artistas estão no palco, vocês são os espectadores que tem que fazer silêncio, prestar atenção e aplaudir ao final”.

SANDRA ANNENBERG:

Agora que a gente já sabe como surgiu a figura do regente, vamos descobrir, afinal, como ele trabalha. Para isso, não tem nada melhor do que ouvir o próprio maestro. E para exemplificar, vamos usar a sequência de notas mais conhecida da música clássica...

[sobe som, primeiras notas da *Sinfonia nº 5*, de Beethoven]

THIERRY FISCHER:

Essa é a partitura. Eu faço com firmeza aqui [*papapapa*] ou com suavidade [*papapapa*] ou mais rápido [*papapapapa*].

[música acompanha a narração feita por Thierry]

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o regente titular da Osesp, o suíço Thierry Fischer. Ele assumiu a orquestra há quatro anos e, se o seu português ainda está caminhando, o jeito de explicar como ele rege já é bem brasileiro...

THIERRY FISCHER:

Eu nunca decido antes como vou reger. Vou tentar explicar como uma metáfora, por exemplo, vamos imaginar um jogador de futebol que vai bater um pênalti.

[barulho de fundo com som de estádio de futebol,
com narrador falando: "é pênalti!"]

THIERRY FISCHER:

Ele sabe o que fazer, ele vai mover a perna de um jeito chutar e tentar fazer o gol, mas isso é apenas a técnica.

[narrador de futebol continua: "e ele se prepara para a cobrança..."].

THIERRY FISCHER:

Reger uma orquestra é a mesma coisa, eu sei que tenho que erguer a batuta e fazer *papapapa...*, mas esse não é o ponto...

[trecho da *Sinfonia nº 5*, de Beethoven]

THIERRY FISCHER:

Eu tenho que saber o que não sei racionalmente, que é a inspiração dos deuses da música. Por isso que não penso muito antes de entrar no palco, mas penso muito nos dias antes, penso sobre o tempo, o som, a articulação, a conexão entre uma passagem e outra. Então no palco estou tão preparado que não penso, seria tarde demais.

SANDRA ANNENBERG:

E o que ele faz para ajudar nesse processo? Volta no tempo e imagina como era a vida do compositor naquela época...

[trilha de "Moonlight" *Sonata*, de Beethoven, entremeada
com barulho de vento e garoa]

THIERRY FISCHER:

Quando estou sozinho como a partitura de Beethoven, eu tenho a imagem de Beethoven como um pobre coitado em Viena, com frio, porque não havia aquecimento. Meio surdo, ensaiando com instrumentos ruins, em uma sala terrível, mas ele tem a maior visão de todos os tempos. E ele está com os cabelos sujos. E suando e gritando com todos, é isso que eu vejo quando eu imagino.

SANDRA ANNENBERG:

Para a gente entender melhor a relação do trabalho do regente com a música em si, pedimos para o Thierry comentar o início da *Quinta Sinfonia* de Beethoven regida por outros maestros. E como é um assunto mais complexo, a gente deu

um descanso para ele, e o deixou falar em inglês mesmo. Vamos começar com a versão regida pelo italiano Claudio Abbado.

[trilha de *Sinfonia nº 5*, de Beethoven, regida por Claudio Abbado]

THIERRY FISCHER (TRADUÇÃO):

A musicalidade dele é pura, o cara é genuíno. Ele não fala muito, não gosta de falar. E ele também não fica justificando as escolhas dele, ele só faz. E faz com um senso estético que é incomparável. Ele também tem um senso de mistério que, quando eu tocava com ele, parecia que nem ele sabia o que ia acontecer. Ele é de outro planeta, mas com um senso de pureza que é tocante e que me marcou para a vida toda.

SANDRA ANNENBERG:

Agora, o mesmo início, mas regido pelo alemão Furtwängler.

[trilha de *Sinfonia nº 5*, de Beethoven, regida por Furtwängler]

THIERRY FISCHER (TRADUÇÃO):

Furtwängler é um verdadeiro artista, que marcou o século XX como poucos regentes, mas quando eu ouço isso hoje, em 2024, eu soffro...

SANDRA ANNENBERG:

O sofrimento do Thierry, olha que palavra forte, vem por causa da intensidade da versão do Furtwängler..

THIERRY FISCHER (TRADUÇÃO):

E tudo tem um vibrato pesado, superexagerado... como se estivesse colocando ênfase onde não precisa.... *sound, sound, sound, sound, sound sound, loud, loud, loud, loud, loud, more, intense, profound...* Mas é meio fora de contexto, porque ele toca Wagner da mesma forma com que ele toca Beethoven.

SANDRA ANNENBERG:

Resumindo: para o Thierry, é uma interpretação marcada por alguns excessos...

THIERRY FISCHER:

It's too much of everything.

SANDRA ANNENBERG:

Mas o que mais chama atenção do maestro é o tempo dessa versão, ou seja, a velocidade da música.

[a trilha da *Sinfonia nº 5*, com diferentes regências,
vai entremeando *a fala do Thierry*]

THIERRY FISCHER (TRADUÇÃO):

O tempo original da sinfonia de Beethoven é... [canta o tempo correto] e na de Furtwängler é... [canta bem mais lento]. Totalmente fora do conceito de hoje. Mas isso foi 80 anos atrás, quem sabe como ela vai soar daqui 80 anos?

[mudança de cena]

SANDRA ANNENBERG:

O jeito de tocar cada sinfonia, de interpretar a obra de cada compositor, muda de maestro para maestro. E em seus 70 anos de história, a Osesp contou com grandes nomes nesta função, alguns dos maiores que o Brasil já teve. O primeiro, como a gente viu no episódio 1, foi o Souza Lima, que além de regente, era também um grande pianista...

[trilha de Souza Lima ao piano]

GILBERTO SIQUEIRA:

O Souza Lima eu tive relação com ele como músico na Orquestra Filarmônica de São Paulo que foi meu primeiro emprego, em 1970.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é Gilberto Siqueira, antigo trompete solista da Osesp, que lembra dos primórdios da Orquestra.

GILBERTO SIQUEIRA:

O Souza Lima ele era um grande pianista, quem criou essa orquestra na verdade, foi ele e o Bruno Roccella, né? Os dois juntos. E criaram a Orquestra do puro idealismo.

SANDRA ANNENBERG:

Souza Lima e o italiano Bruno Roccella regeram alguns concertos à frente da Osesp durante os primeiros anos, que foram marcados por muita instabilidade. E o idealismo que movia os dois também impulsionava o maestro que assumiu a Orquestra em 1973, Eleazar de Carvalho.

[trilha de Eleazar regendo ao fundo]

ELEAZAR DE CARVALHO:

[bate a batuta] compasso 1, 2, 3, 4 5... compasso 51, veja que o tempo vai ralentando, 51, tempo primo, mas moderato...

SANDRA ANNENBERG:

Esse foi Eleazar em um ensaio no teatro do edifício Copan. Foi a perseverança dele que fez a Osesp tocar por 23 anos sem parar. Disciplina que também era marca da sua vida pessoal, como lembra Eleazar de Carvalho Filho...

ELEAZAR DE CARVALHO FILHO (GRAVAÇÃO):

Era uma pessoa muito rígida, pela formação dos fuzileiros navais... ele viajava muito, deixava comigo os horários assim, muito definidos. Oito zero um, acordar, oito zero três, escovar os dentes, oito e quinze, café da manhã e assim por diante... Mas também uma pessoa muito espirituosa e muito divertida.

SANDRA ANNENBERG:

E empática, como mostra bem essa ótima história contada pelo oboísta da Osesp, Arcadio Minczuk...

ARCADIO MINCZUK:

Ele tinha esse lado mais generoso e eu me lembro quando um colega dos violinos teve um AVC e a mão esquerda dele, ele não tinha mais controle sobre a mão esquerda, e ele dublava. Ele ficou, eu arrisco dizer, talvez mais de um ano assim. Porque o maestro ficava com dó dele, muito dó de desligá-lo. Talvez os proventos dele pelo INSS naquela época não seriam suficientes para manter uma vida digna, né?

SANDRA ANNENBERG:

E foi esse espírito de união entre os músicos que garantiu a continuidade da Orquestra quando Eleazar faleceu. E quem assume a batuta com a partida de Eleazar é John Neschling, que promove uma grande reestruturação e se torna um dos responsáveis pela Osesp que a gente conhece hoje.

JOHN NESCHLING (GRAVAÇÃO):

Eu acho que a gente vai se desenvolvendo com a vida. A gente vai entendendo o que a gente quer, desenvolvendo os princípios dos quais a gente não quer abrir mão. A gente acredita no caminho que a gente tem, acredita no trabalho que a gente quer fazer e acaba por estabelecer critérios dos quais você não quer arredar pé.

SANDRA ANNENBERG:

Com a saída de Neschling, no final de 2009, a Osesp passa a ser regida primeiro pelo francês Yan Pascal Tortelier, seguido pela norte-americana Marin Alsop, em 2012, que ampliou a reputação da orquestra internacionalmente.

[Marin Alsop cantarolando e se preparando ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

Essa é a Marin se preparando para um concerto. Enquanto canta cada passagem, ela ensaia os gestos um a um, para que tudo saia perfeito no palco. Mas apesar da precisão com a batuta na mão, o que ela busca em uma orquestra é outra coisa.

MARIN ALSOP (TRADUÇÃO):

Eu tenho um jeito diferente de alguns colegas meus de me conectar com as orquestras. Para mim é que nem conhecer gente nova, sabe? Minha relação com as orquestras vai crescendo e se tornando mais profunda. Eu amo me conectar com uma orquestra, construir uma relação com ela, uma sonoridade, um repertório, uma relação com a comunidade e com os músicos mais jovens.

SANDRA ANNENBERG:

Marin foi aluna de Leonard Bernstein - aquele do filme "O Maestro", que foi indicado ao Oscar recentemente. Ela conduziu a Osesp em concertos por todo o mundo, incluindo Estados Unidos, Europa e China. Em 2020, chega o atual diretor musical Thierry Fischer, que vem aprimorando a sonoridade da orquestra. E nesse período o Thierry já conquistou muitos fãs entre os frequentadores da Osesp...

LAZZA (FREQUENTADOR):

Nesse dia que eu vim ver o recital com a minha amiga, encontrei ali o Fischer e pensei:

"Meu Deus! Não, eu preciso dar um oi pelo menos, né, e falar que eu sou fã dele".
Então eu cheguei com um sorriso e falei:

"Fisher, posso tirar uma foto com você? Eu sou seu fã!"

[sobe som, indo para o final do episódio]

SANDRA ANNENBERG:

É isso mesmo... se você achava que só as bandas de rock ou as divas do pop têm fãs, está muito enganado! E, por falar em fãs, no nosso próximo e último episódio, a gente vai ouvir as pessoas que frequentam a Sala São Paulo e que já são parte da família Osesp...

[montagem com som ambiente da sala, música e as falas a seguir]

TATYANA (FREQUENTADORA):

Foi um concerto de Mendelssohn que eu vim assistir quando eu fui pedida em casamento...

FERNANDO (FREQUENTADOR):

aquilo começou e aquele som cristalino, que parecia que eu tava ouvindo um CD com um fone de ouvido perfeito, eu falava:

“Gente isso existe agora no Brasil assim”, eu já choro em concertos muito facilmente, no final, eu tava no chão....”.

JOCELMA (RECEPCIONISTA):

eu conhecia outros instrumentos como zabumba, triângulo, sanfona... quando eu vi o som da orquestra a primeira vez eu liguei para o meu pai, eu falei:

“Pai, existe outro tipo de instrumento, meu pai disse ‘deve ser uma rabeca’ eu disse não pai tem outras coisas...”.

SANDRA ANNENBERG:

Essas e outras histórias contadas por fãs, assinantes, funcionários, vizinhos e toda a comunidade da orquestra mais querida do Brasil nós vamos conhecer no próximo episódio. Até lá!

[Encerra trilha]

[Entram créditos finais]

| o

| s

| e

| s

| p

Esse episódio teve áudios da Osesp, da Pródigo Filmes para o canal Arte 1, da TV Assembleia, do acervo do maestro Fabio Prado e de duas performances da Filarmônica de Berlim executando a *Quinta Sinfonia* de Beethoven, com regências de Furtwängler e Abbado.

No portal de conteúdo do site **osesp.art.br** você encontra mais sobre este capítulo da história da Orquestra.

“Aqui a música toca” é uma produção Ser Sonoro, com realização da Fundação Osesp e do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas.